

A GÊNESE, O DESENVOLVIMENTO E A METAMORFOSE DO SIGNIFICADO: APORTES PARA UM RACIOCÍNIO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Pesquisa desenvolvida no âmbito de Acolhimento Psicológico na área da Geriatria da Unidade Básica de Saúde (UBS) e no Plantão Psicológico do Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da região de Campinas (Brasil)

2018

Alan Ferreira dos Santos

Graduando de Psicologia na Universidade Paulista (UNIP), Brasil

Email:

alanfs1995@gmail.com

RESUMO

Com base no relato de 2 acolhimentos psicológicos na área de geriatria numa Unidade Básica de Saúde (UBS) na região de Campinas e da participação-observação em um Grupo de Acolhimento Psicológico - às mulheres com quadro de depressão -, foi possível produzir uma meditação que permitisse inferir como se dá o processo de significação da experiência. Já em outros dois casos – observados no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) de Campinas - e apoiado pelo exame empírico minucioso, pudemos obter uma aproximação da realidade, extraíndo – e observando – desta, uma rede de conceitos e os articulando de tal maneira a facilitar um modo de raciocínio clínico fenomenológico-existencial e com possibilidades de compreensão dos modos perturbados de ser em um horizonte dinâmico. Intentou-se mostrar que a dificuldade de transformação dos sentidos se dá por causa da sua materialização na realidade terrena, que esta é constituidora do mundo-primordial e dificulta a transição do *dasein* para os sentidos-outros alvejados a partir do mundo-primordial, mas que se encontram no além-mundo. Demonstrou-se a noção de *possível-distante*, a de *fió existencial de sentido estruturante*, *possibilidade-em-extensão*, *tumultuação do dasein*, *dissonância temporal*, *viabilidades-outras*, *enclausuramento*, além de ter intentado mostrar a existência de estruturas ônticas fundamentais no mundo-primordial.



Palavras-chave: Daseinsanalyse, daseinsanálise, fenomenologia-existencial, fenomenologia, existencialismo.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



DESCRIÇÕES DOS ACOLHIMENTOS PSICOLÓGICOS NA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE NA ÁREA DA GERIATRIA

Caso n° 1 – Arm (60 anos).

A paciente veio até a UBS com a queixa de estar deprimida. Relatou que sempre buscou ter a vida que têm – uma casa, filhos e um esposo bom -, no entanto não consegue sentir-se feliz exatamente aos 60 anos de idade e no ápice de sua vida material. Disse que frequenta a igreja e administra um grupo de coral e, portanto, não pôde deixar de frequentar esse espaço – mesmo que sua vontade seja essa -.

Diz que sua vontade é na verdade “*sentir-se feliz*” [SIC], mas não consegue, pois está sempre a querer ficar sozinha em sua casa, sem visita e sem ver ninguém. Percebe esse comportamento enquanto sendo “*egoísta*” [SIC] e que isso é basicamente um “*pecado*” [SIC]. Falou sobre o fato de ter renunciado sempre sua vontade em prol da vontade de outras pessoas, ficando sempre sem fazer o que realmente gostaria para fazer coisas que outras pessoas à solicitasse, disse que esse fato passou a ocorrer principalmente depois que consolidou uma família. Atualmente vive um dilema: cuidar ou não cuidar dos netos. No momento gostaria de descansar, mas não consegue abandonar a ideia de que deve cuidar dos netos senão estará sendo “*egoísta e pecadora*” [SIC].

Geralmente tem o comportamento compulsivo de limpar a casa e descansar logo em seguida. Relatou que essas limpezas são “*sem necessidade*” [SIC], a interpretação feita nesse momento – mas não dita - era de que o excesso de limpeza era uma forma de punir o próprio corpo enquanto forma de se livrar da culpa que carregava pelo fato de estar à mais ou menos um ano buscando descanso, mas sentindo-se sempre culpada por descansar, uma vez que a “*preguiça é*



pecado” [SIC]. Apenas através da dor infligida no corpo poderia expiar à culpa por ter a necessidade de descansar e sentir essa vontade. Assim a forma que encontrou de descansar era fazendo trabalhos domésticos sem necessidade e descansando logo em seguida.

A partir dessa compreensão fora dito que o fato de ter vivido a vida inteira renunciando à própria vontade para fazer a vontade de outras pessoas fez com que deixasse de fazer coisas que lhe causasse prazer, contudo parecia-me que o seu corpo lhe pedia para fazer algo que desejava e necessitava naquele momento que era descansar. Assim recomendei que meditasse sobre às palavras de seu esposo que lhe dizia para descansar e não fazer tantas atividades como vinha fazendo, como também para levar em consideração às observações de seu filho sobre os seus netos, de que poderiam contratar alguém para cuidar das crianças já que tinham uma boa condição material. Tentei fazê-la vê também a sugestão de duas colegas dela que havia dito à ela de que era importante descansar nessa fase da vida e aproveitar.

Me pediu informações sobre a depressão e fiz breve ponderações, mas não me especifiquei tanto. O campo sob-foco era o de estar motivada e com uma capacidade prospectiva razoável e que isto era positivo, pois pessoas que sonham e se imaginam no futuro tem uma maior tendência a chegar a onde desejam já que têm esse objetivo em mente e comportamentos correspondentes a esses mesmos objetivos.

Em sua vida houve muitas perdas e uma delas foi o pai, exatamente no momento em que teve de se despedir e não conseguiu – pois ele pensava que sua filha estava indo para outra cidade e que voltaria no dia seguinte, mas ela voltou muito tempo depois e ele já não estava mais lá por conta de seu falecimento -.

Além disso houve a morte de uma colega muito importante, justamente num dia em que elas conversavam e que ela deixou de dizer algo significativo para esta. Verificou-se também a existência de um aborto - questão essa não resolvida -. Essas perdas se expressam enquanto sendo processos de luto não elaborados.

É importante ressaltar que durante a sessão tivemos a necessidade do encerramento do acolhimento, no entanto não foi possível concluir nenhum dos encerramentos, uma vez que o inconsciente da paciente estava ávido por se expressar e ser acolhido. Depois de um estado de planto intenso e agradecimentos, houve o encerramento.

Aconselhei a paciente que descansasse e permitir-se ser cuidada pelos os seus familiares, como o seu esposo, seu filho e suas colegas, visto que a vida inteira cuidou deles. Acentuei a ideia de que estava na hora de ser cuidada para que pudesse permitir o seu corpo repousar e usufruir de algumas formas de prazer.

Caso nº 2 – Elra (77 anos).

Elra disse que foi chamada para fazer uma reavaliação psiquiátrica e que este era o motivo de estar ali no acolhimento. Elra foi uma das pacientes do Dr. Francisco – o recém falecido psiquiatra -. Durante a sessão fez um breve resumo daquilo que denominou “*minha vida*” [SIC].

A paciente é formada em odontologia e passou 20 anos cuidando de um filho acamado por conta da dependência química. Tem um esposo agressivo e que está em tratamento médico por conta de um derrame cerebral. Já sofreu agressão física por parte do marido e do filho adicto. Tem um relacionamento razoável com os seus filhos. Atualmente diz estar produzindo comportamentos que à remeta a maiores níveis de independência pois “*Passei a vida inteira trabalhando, cuidando de filhos, de marido e da casa. Hoje em dia não quero mais isso, pois tudo fica sobre mim. Eu sofri muito durante a minha vida, quantas vezes não fui para faculdade com o olho roxo e às minhas colegas riam de mim*” [SIC]. Nesse momento ela chora copiosamente e diz “*Os meus pais tinham um relacionamento maravilhoso. Eu buscava na minha vida obter aquilo que os meus pais tinham. A minha mãe cuidava do meu pai e o meu pai cuidava da minha mãe, aquilo era gostoso, aquilo sim era bom. Mas o meu pai morreu cedo, quando eu contava com 6 anos de idade. Que tragédia foi*” [SIC].

É nítido que o referencial de relacionamento que Elra viu em seus pais não foi conquistado em sua vida. No entanto conquistou uma grande satisfação no seu trabalho de odontologista e fala deste com muita afetividade e diz “*Se não fosse o meu trabalho, eu jamais estaria bem. É como se minha profissão compensasse o ambiente de minha casa. Sempre compensou*” [SIC].

Elra demonstra uma considerável capacidade reflexiva sobre a realidade que à circunda. Fiquei muito curioso por saber por que uma mulher como Elra com considerável capacidade intelectual se enredou em uma vida de sofrimento ao lado de um homem “*agressivo e bruto*” [SIC]. Num certo momento ela tocou em minhas mãos e disse “*Olha meu filho. Quando eu fui casar eu tinha a expectativa de que eu encontraria tudo aquilo que vi em casa – com os meus pais -. Mas não foi nada disso que aconteceu, foi tudo ao contrário. Até hoje não superei o fato de que os meus filhos se tornaram o que são, justamente por que eles nasceram nesse ambiente, nesse meio. Se fosse em outro ambiente e em outras condições seria tudo diferente. O pai – meu esposo – é um homem bruto. Sabe esse tipo de homem veio besta do passado? Que tem filhos fora do casamento e que trata com desleixo a própria família e maltrata à esposa e os filhos? Ele é desse tipo. Mas hoje eu repensei meu filho sobre tudo o que fiz de mim. A mulher moderna – nova - hoje em dia é diferente, não precisa se submeter à essas coisas mais. Olha meu filho se houver*

reencarnação nessa vida e nesse mundo, pôde ter certeza que sairei dessa vida bem mais evoluída e chegarei na outra existência bem mais madura” [SIC].

Elra diz ter um relacionamento de qualidade mediana com os filhos. Na atualidade diz que trabalhar mantém sua saúde mental, não obstante permanece tomando fluoxetina e diz estar bem com esse medicamento. Essa afirmação da paciente é positiva, pois fluoxetina é um ansiolítico com potencial de ação moderado, geralmente os pacientes que os toma pôde ser considerado pessoas com um transtorno depressivo não agudo.

Algo importante que deve ser mencionado é uma fala de Dona Elra n’onde ela diz “*Coitado do Dr. Francisco, o homem não era de conversar muito. Ele só passava o medicamentozinho, não gostava de falar com a gente. Vocês gostam de ouvir e isso é muito bom. Se você me propor isso que você fez hoje, eu compareço aqui com você meu filho. Como vai ser? Vai marcar um horário? Vai me ligar?” [SIC].*

Se sempre houver disponibilidade para ouvir, haverá sempre trabalho para o psicólogo – seja a onde for -.

MEDITAÇÕES A PARTIR DOS CASOS

O acolhimento em saúde mental está sendo uma experiência engrandecedora pelo fato de contemplar uma diversidade de períodos do desenvolvimento humano e uma plêiade de pessoas com etnia, religião e condições socioeconômicas e políticas variadas. Tamanho é o meu espanto pois estou lidando com a multiplicidade e penso ser exatamente esse modo de formação favorável, visto que a psicologia é a ciência que busca compreender às regularidades psicológicas através das irregularidades fenomênicas.

Os acolhimentos que produzi hoje foram significativos, uma vez que a questão da saúde mental na senilidade ou da psicogeriatría chamou-me muito à atenção. Nas duas pacientes que atendi ambas sofriam de depressão e carregavam *vivências com intensos níveis de aderência à simbolização*. Me questionei se esse fato se devia por conta do estágio de desenvolvimento no qual se situavam – senilidade - e de um possível avanço das capacidades cognitivas que se fizeram ao decorrer da vida.

Podemos fazer uma comparação nesse sentido e visualizar que nessas duas amostras a hipótese pode ser elencada enquanto elemento norteador para uma possível investigação dos processos psicológicos através do olhar clínico e direcionado do profissional.

A primeira paciente (Arm) não detém uma escolaridade de nível superior. Sempre trabalhou em fábrica na área de produção. Demonstrou ter dotes musicais sendo coordenadora de um Grupo

de Coral na igreja. Apreendeu por conta própria – o que revela uma inteligência musical – e por conseguinte por meio da interação com essa arte, aflorou-se alguns efeitos terapêuticos enquanto resultante dessa relação, havendo aí à remissão e retardamento de alguns sintomas de seu quadro depressivo por intermédio da resultância desse convívio com à música. Já na segunda paciente (Elra) existe uma formação no curso superior.

Ambas pacientes apesar de terem níveis de escolaridade distintos, uma e outra conseguiram atingir uma certa estabilidade financeira. O que quero demonstrar com essa exposição é o fato de mesmo a escolaridade não sendo do mesmo nível, os graus de capacidade de simbolização e ressignificação do próprio quadro clínico e das experiências subjetivas estão em similitude. Daí a inferência colocada por mim do fato de que talvez ao decorrer do avanço da idade cronológica há um desenvolvimento progressivo-evolutivo dessas capacidades e que elas não dependem de uma escolaridade de formação técnica em algum ensino superior.

No entanto devemos nos atentar ao fato de que não é com todas pessoas que esse fato ocorre, caso contrário o esposo agressivo de Elra não se comportaria de tal forma, e que segundo os relatos dessa Sr.^a, o marido “*permanece do mesmo jeito que sempre foi*” [SIC]. Nesse sentido qual seria o elemento distintivo? Expusemos a ideia de que não é a formação em um ensino superior, mas por outro lado vimos que o desenvolvimento da idade cronológica não conserva em sua inerência esses atributos de simbolização e ressignificação – observação esta comprovada através do esposo “*agressivo e bruto*” [SIC] de dona Elra -.

Mas o que essas pessoas têm em comum? O grupo BemPresente tem a finalidade de permitir com que pessoas com o transtorno de depressão possam compartilhar suas experiências, no entanto quando se observa um pouco mais afundo e com um olhar atento de um estudante de psicologia que seleciona elementos para visualizar, é claramente perceptível o fato de que elas são mulheres de classes sociais variadas, de etnias e credos religiosos pluralizados e de formação escolar-técnica múltipla. Existem mulheres com ensino superior e outras sem estarem alfabetizadas. Contudo elas têm algo em comum, que é essa mesma capacidade de refletir sobre a própria existência, de ressignificar e simbolizar os acontecimentos pelos quais passaram. O que às une? Qual é o elemento que permite essas pessoas terem uma capacidade de simbolização e ressignificação em similitude? Se não é formação técnica, desenvolvimento da idade cronológica, etnia, religião e divisão de classe, o que é? A única hipótese que me surge – não sem controvérsias – é o fato delas estarem ali pelo o mesmo motivo: depressão.

Parece que a depressão – ao menos nessas pessoas que observei – às possibilita uma capacidade reflexiva e em específico nas áreas da simbolização e ressignificação, dado os acontecimentos do cotidiano que a doença promove. Os comportamentos anormais nos quais às pessoas estão imbuídas e sucumbidas permitem elas terem acesso à essas capacidades que às

fazem observar e perceber à Gestalt de um modo peculiar e no mínimo singular em relação à média em geral.

Quando chegamos no grupo BemPresente - e caso você seja leigo e não compreenda bulhufas do que acontece numa UBS - é provável que confunda esse espaço com um Grupo de Filosofia Existencial ou de um Grupo de Estudos em Tanatologia, de tamanha sabedoria que comparece nos diálogos ali presentes.

Não obstante devemos nos perguntar se esses atributos de simbolização e ressignificação *comparece em todos os depressivos ou comparece nos depressivos desse local específico?* É muito provável que a segunda linha de raciocínio se aproxime mais da realidade.

Pois parece que o fato de estarem num espaço com pessoas que detém um diagnóstico comum e em específico da depressão - que detém em si certas qualidades fenomênicas que são produzidas no sujeito da experiência -, mais o fato de que elas estando nesse espaço compartilham experiências ricas em detalhes e minúcias subjetivas – sem contar às particularidades e pormenores que a experiência propícia, somado ao fato de suas próprias reflexões com base nessas experiências e que são transmitidas via oral sobre um sentimento coletivo – de estar ali no grupo – de pertencimento e unidade com o todo -, às fazem engrandecer psiquicamente e a nível dinâmico-grupal produz o fortalecimento do ego-coletivo como também à estimulação da reorientação da libido para objetos exógenos dando espaço para que os sistemas psíquicos se reorganizem internamente e se reestruture de modo dinâmico-econômico-tópico. Com esse espaço de absorção e compartilhamento de experiências ao mesmo tempo que ocorre à significação dos próprios processos ocorre também a significação dos processos do outro e por sua vez a ressignificação do próprio processo e do outro também. *Ao mesmo tempo que significo sou significado pelo outro*, através de suas experiências e de seus compartilhamentos. Através da recepção e do acolhimento, o outro pôde si perceber enquanto ser-escutado e ser-compreendido.

É a minha posição de disponibilidade para ouvir e que em concomitância se encontra num estado de já ter experienciado algo similar daquilo que ouço que me permite acessar a narrativa daquela fala e me faz transmitir à ele próprio – o outro - que estou compreendendo o que diz, no fato dele perceber que estou compreendendo o que diz, durante esse processo – de transmitir ao outro que estou compreendendo e o término da sua narrativa - a significação da sua fala que está prestes a se concluir se produz. Apesar disso, não sei ao certo quais são os mecanismos envolvidos nesse processo, isto é, nesta proposição de que: *A sincronia entre dois estados, a saber: disponibilidade de ouvir e vivência aproximativa-experiencial do acontecimento do outro, permite o acesso à narrativa do falante e em seguida faz transmitir a este à existência do fenômeno de estar-sendo compreendido, a percepção da durabilidade do evento – de estar-sendo compreendido – produz a significação da experiência narrada.*

Existem muitos hiatos nessa proposição e que a única maneira de desvendar o real acontecimento e os seus processos nas suas particularidades é através da descrição fenomenológica do acontecimento e a partir deste, descobrir às causas do como e por que acontece e por que dessa maneira e não de outra.

Neste momento me surge a questão de como ocorre a significação e quais são os mecanismos envolvidos no processo de significação de uma experiência. Até o momento não houve nenhuma especulação que elucidasse esses pormenores. Desvendar essas veredas é permitir técnicas psicoterápicas no processo analítico.

Devemos responder uma questão, mas não sendo possível responde-la devemos cumprir com o dever de especular. Minha questão que irei especular é: *Por que a percepção do fato de estar sendo compreendido em relação à uma fala própria de uma experiência produz uma suposta significação dessa mesma experiência ao ser narrada e escutada pelo outro?*

Creio que devo me ater às evidências mais simples para se chegar em níveis mais complexos. A princípio devemos seguir a evidência de que o fenômeno de *si perceber enquanto sendo compreendido e por sua vez esta percepção produzir a significação da própria experiência narrada* não se encontra na dimensão antropológica, mas sim étnica. Os povos autóctone não necessariamente necessitam do processo de estar-sendo compreendido para significar a própria experiência, muitas vezes faz-se isto através de experiências místicas de contato do homem com a natureza – nesse ponto existe uma complicação, importante e sutil que é saber se essas relações tem enquanto fundamento os processos projetivos e portanto inconscientes ou processos de identificação com uma consciência-guia que se auto-observa nas identificações, pois uma coisa é se relacionar com o mundo de modo inconsciente e pensar que um objeto inanimado se relaciona com você na mesma medida que você se relaciona com ele e outra coisa é perceber que o objeto não corresponde você na mesma medida, mas no entanto nem por isso deixamos de nos relacionar com este. A primeira parte do pressuposto de uma relação de inconsciência com os objetos e a outra de uma relação com eles mas com consciência e adjacente a isso de um conhecimento da realidade daquilo com que estou me relacionado. Pergunta essa não ser irrelevante, visto que é importante para entender a dinâmica do inconsciente e os movimentos de produção e ligação da libido com o mundo e constituição do psiquismo -.

Mas é certo, por outro lado da existência de uma plêiade de povos que necessitam do reconhecimento do outro - como do Xamã - para dar sentido e significado à própria experiência. Dessas observações pôde-se obter basicamente que existem duas formas de indução de sentido à experiência vivida: *uma é através do contato e da relação consciente com o mundo e os seus objetos; a segunda pelo reconhecimento do outro sobre às próprias necessidades faladas e por sua vez ressignificadas pelo fato do outro ter compreendido*. Mas qual é a diferença entre elas - nessas formas de significação da própria experiência -?

A primeira se refere ao fato de promover sentido à experiência através do conhecimento e consciência dos objetos que nos cercam. E a segunda se refere ao fato de promover sentido à experiência através da compreensão que é fornecida pelo outro ao reconhecer nossas experiências existenciais. Nesse sentido vemos que a dimensão antropológica ela não é uma dessas formas, mas sim todas essas formas, só que no entanto determinadas etnias exercem uma dessas potencialidades humanas que se encontra alicerçadas na estrutura do homem.

Vimos que existe uma maneira individual de dar sentido à experiência e que supõe o requisito de ter conhecimento do mundo e se relacionar com este de forma consciente, constituindo assim o psiquismo através dessa forma de interação. Por outro lado averiguamos o fato de que existe uma maneira coletiva de dar sentido à experiência e que supõe o requisito de não ter conhecimento do mundo – e portanto uma reorientação da libido para o mundo interno, o que é comum na depressão -, talvez isto explique o fato do por que o depressivo não consiga naquele momento dar sentido à experiência sem que esteja ao lado do outro e busque – em momentos de crise - pelo o seu reconhecimento. Aqui adentramos nas formas do processo de significação da experiência. Nessa investigação conseguimos visualizar duas formas que se dão nesse processo.

No entanto minha questão não foi respondida, ou ao menos foi respondida parcialmente. Fizemos uma especulação sobre às formas existentes da produção de sentido da experiência vivida e identificamos duas. Mas será que chegamos a desvendar os mecanismos? Chegamos a dizer como que elas ocorrem? Aqui, prevejo a necessidade de fazermos uma nova reformulação da questão uma vez que a questão inicial se desdobrou em duas proposições.

Para seguirmos adiante na nossa pesquisa pretendo responder a seguinte questão: *Como o homem consegue aderir sentido à sua experiência apenas através de si mesmo e por sua vez constituir o próprio psiquismo?*

O homem primitivo vive uma forma de experiência que é a mística e que permite a ele ter um contato íntimo com a natureza que o faz sentir-se parte de um todo ou de um cosmos-organizado - como diria Aristóteles -.

Devemos explorar essa experiência mística e entender como que ela possibilita o sujeito dar sentido às próprias experiências sem que necessariamente precise-se se comunicar verbalmente com o outro ou ter a percepção de estar-sendo compreendido pelos os objetos e os seres humanos em torno de si. E ainda, mesmo sem isto é possível dar sentido às próprias experiências e constituir o psiquismo.

Levantarei uma hipótese que me norteará nesse percurso. Essa ideia se refere ao fato de que, é provável que em ambas às formas de significação da experiência *ocorra alguma coisa em algum lugar do psiquismo ou na dinâmica fenomenológica, que como uma alavanca sendo acionada proporciona à significação da experiência.* Quero dizer com isto, que o mesmo processo é

acionado só que, no entanto, *por vias diferentes*. Essas duas linhas retas convergem no infinito, ou seja, *caminhos diferentes para se chegar no mesmo lugar*, sendo este lugar, o lugar onde ocorre a significação da experiência. Identificando o percurso produzido em ambas formas de significação da experiência é possível responder minha questão do “como” isto acontece. Além disso existe uma outra variável que é denominada de “processo”.

Quero levantar uma segunda hipótese que será sentenciada do seguinte modo: *é no “processo” ou se quiserem, durante esse período que a significação ocorre*. Portanto, o fato de haver ocorrido à significação, quer dizer que esta, está estabelecida dentro de uma determinada forma de relação e a significação propriamente dita é apenas o resultado deste “processo”, sendo no próprio “processo” que acontece o fenômeno de significação. *Com essa ideia quero estabelecer que por caminhos diferentes, às pessoas encontram – mesmo que em direções díspares – às mesmas propriedades que são necessárias e imprescindíveis para haver à significação da própria experiência*. Partindo deste método de abordagem comparativo, tentarei elucidar quais são essas propriedades que se encontram em ambos os caminhos até se chegar à significação. Deste modo pretendo não me especificar no caminho, mas nos fatores causais – ou propriedades - que permitem à significação da experiência e com esse objetivo entender se existe a possibilidade de manuseio dessas propriedades a favor das técnicas psicoterápicas. Avancemos.

Mas antes é necessário fazer uma breve ressalva sobre à importância da significação da experiência e principalmente sobre o que vem a ser esta. Quero demonstrar sua importância terapêutica e os seus benefícios, pois não haveria sentido nenhum entendermos algo se não fosse para fins práticos e principalmente se não houvesse nenhuma forma de utilização à benefício dos seres humanos. Sendo assim se conseguirmos compreender às propriedades desse processo e quais delas permitem a significação da experiência, poderíamos passar por um procedimento mais técnico que seria de saber se existe à possibilidade de orientar o paciente nesse sentido, visto que é vantajoso para à saúde psíquica deste à significação de suas experiências. Havendo aí um potencial elemento terapêutico se conseguirmos compreender os passos pelos quais se dão esse processo de significação da realidade vivida. Além de permitir um maior controle sobre às variáveis que condicionam o processo de significação da realidade. Aqui o procedimento técnico é estritamente prático e é no sentido de manusear e manipular às condições ambientais que proporcionem e possibilitem à significação da experiência vivida. Passemos agora a dizer sobre os benefícios da significação da experiência.

No caso da depressão à significação dessa experiência se faz através do reconhecimento do outro dos acontecimentos vividos pelo sujeito acometido pela doença. Uma das formas que se percebe a significação ocorrendo é na psicoterapia de grupo, parece que esta permite o sujeito se evadir do mundo interno e reorientar sua libido para às relações externas de tal modo fazendo-o perceber que a realidade se constitui de inúmeros objetos que se encontram fora e não apenas

dentro. A introversão da libido faz com que o sujeito perceba a realidade de apenas uma forma e uma única maneira - que seria a sua -. Na depressão isto é comprometedor pois o sujeito está *entregue a si mesmo* e ao seu mundo habitado por elementos hostis e na maioria das vezes este sujeito pôde não deter de recursos internos para lidar com esses mesmos elementos que o degrada psicologicamente.

A ressignificação desse mundo interno é importante, pois o sujeito traz novas percepções e novos dados de realidade para esse mundo que é constituído de distorções, fantasias e principalmente de uma agressividade muito intensa que geralmente é o principal motor das intensificações dos mecanismos de defesas primitivos e arcaicos que se expressam em modalidades comportamentais como isolamento, inibição e abolia volitiva.

A compreensão ou significação desse mundo interno é terapêutica para o paciente, pois remove algumas cristalizações permitindo um corpo mais flexível na fruição das emoções e na interação com o mundo externo.

Bom, uma outra questão importante é como que acontece essa significação no cotidiano dessas pessoas. Nós visualizamos duas formas, no caso da depressão elas se enquadram no segundo modelo que é o de ser reconhecido nas suas experiências por uma outra pessoa que às compreenda. Essas compreensões permite a significação. Nesse caso o que ocorre é uma circulação das experiências no grupo. O dizer uma experiência e ser compreendido do mesmo modo que percebe à experiência traz um sentimento de autenticidade e veracidade para o que está acontecendo – isto é experienciado através do sentimento de pulsão de vida no mundo interno -. Nessa via às experiências compartilhadas de experiências semelhantes faz com que o mundo interno *sinta que não existe apenas o mundo interno*, pois se existisse não estaria sendo compreendido, algo nessa via vêm de fora e povoa esse espaço que se pensava inabitado e sem nenhuma forma de recursos para olhar-se além dali. Nesse momento a significação ocorre, pois os recursos internos que não existia se estabelece do lado de fora de tal forma que faz com o sujeito através da experiência do outro veja que existe outras formas de habitar esse mesmo lugar. Aí está surgimento das diversas experiências fenomênicas que enrique essas pessoas.

Elas percebem que é possível viver na depressão, percebem que é mais ou menos possível trabalhar e cuidar dos filhos. Percebem também que a depressão demonstra uma faceta de nós que está exausta. Percebem a sobrecarga que é de se responsabilizar por tudo e por todos e a sua contrapartida de buscar solidão, pois já sofreu muito. Essas são diversas tonalidades afetivas e modalidades vivenciais de se viver na depressão. Essa pluralidade de formas de se estabelecer na depressão – que se faz apenas através da apreensão e compreensão das experiências de outras pessoas e que são transmitidas através da comunicação - é uma maneira de sair dela não saindo e a partir desse deslocamento ao permitir-se experimentar fazer uma coisa diferente do que faz, visto que o outro fez e eu posso fazê-lo do mesmo modo, já que este está na mesma condição que a

minha - uma vez que não necessariamente está saindo da depressão - mas continua vivendo nela, mas que fique claro, *de outras maneiras*. Vai-se criando um repertório distinto e singular que ocasiona graus de flexibilidade nas estruturas patológicas tornando-as mais saudáveis, menos desgastantes e sofríveis.

Podemos ver que é necessário perceber que o outro nos compreende para este nos acessar e a partir disso significarmos nossa experiência. A única pessoa que pode compreender a depressão é justamente aquele que a experimenta em algum nível. Assim no momento que percebo que estou sendo compreendido eu significo minha vivência pessoal, pois é nesta compreensão da minha experiência vivida que o outro atua, me mostrando o seu posicionamento ou sua perspectiva dentro dessa minha experiência e me revelando que é possível eu experienciá-la com outros matizes que não apenas os meus.

Só podemos compreender – no outro - aquilo que vivemos e ao mesmo tempo só podemos mostrar nossa forma de viver determinado episódio que o outro viveu através de experiências análogas e assentadas sobre estruturas patológicas equivalentes e similares. Nesse sentido postulo que *à depressão existe em todos os deprimidos, mas o modo de vive-la é de cada um*. É exatamente esse modo de vive-la que é compartilhado na Psicoterapia de Grupo, assim o entendimento mútuo da doença através do compartilhamento da história de cada exemplar e que, portanto, é a história de todas, pois todas se identificam com elementos que ali se expressam, uma vez que se encontra no mundo interno geral. Faz elas terem um sentimento de comunhão, de conexão com uma totalidade e de ligação com o mundo externo, extraindo delas a ideia de que há apenas um modo de viver e passar por uma situação. Essas ligações sucessivas e esses reconhecimentos mútuos põe em mobilidade os processos de introjeção e projeção como também a modelação da fantasia de sustentação do quadro patológico, produzindo e corrigindo distorções perceptuais, emoções inadequadas para determinadas situações e comportamentos com maiores níveis de eliciação de insatisfação e desprazer.

Pretendo agora abordar o assunto num foco perspectivista, que seria no caso da perspectiva daquele que compreende. O que acontece no sujeito que compreende? O sujeito que compreende, só compreende *por que se identifica* em maior ou menor medida. Aqui no caso estamos falando de um grupo de pessoas acometidas de depressão e nesse caso a compreensão que eles têm um do outro, provavelmente é extremamente sincronizada com a realidade da experiência daquele que partilha. Mas o que ocorre é que o mundo interno daquele que compreende aos poucos se conecta com aquela experiência transmitida e assim passa a produzir formas de significação e acomodação da própria realidade psíquica. Podemos notar que o sujeito que compreende só o faz por que já avançou e transitou por alguns espaços de sua geografia mental, pois aquele que caminhou pouco por essas estradas, *poucamente consegue se movimentar por conta da tamanha imobilidade que sua enfermidade lhe impõe*. Por isso que uns dos requisitos para se fazer Psicoterapia Grupal com

peças no estado de depressão é justamente que ela não esteja com muitas questões profundas e que esteja mais ou menos esclarecida sobre algumas experiências que lhe causam conflito. Ela tem de estar com algumas questões que lhe causam sofrimento e também depressão, mas deve estar em concomitância com razoável capacidade de conseguir *dar e receber* ou em outras palavras *de movimentar as propriedades do seu mundo interno para fora e de por elementos do mundo externo para dentro*. Em estado depressivo severo o indivíduo não consegue projetar e muito menos fazer introjeções, é necessário muito esforço de sua parte para que ele encontre alguns recursos e ancoragens que o possibilite se sustentar no mundo externo e sustentar sua realidade interna na mesma medida. Já em casos de uma melhora exponencial o sujeito começa a se desvincular do grupo e passa por um processo de independência relativa e de uso moderado dos psicofarmacológicos. No primeiro caso o indivíduo frequenta menos o grupo e no segundo já começa a se desvincular do fármaco. Esses indivíduos não são recomendados para participarem do grupo, uma vez que estão passando por um outro estágio da depressão que seria a total remissão e minimização dos sintomas do seu quadro clínico.

O requisito para a constituição de um grupo é de sujeitos que esteja num estágio de minimamente adentrar no mundo externo e de saída-entrada flexível do mundo interno. Os indivíduos que se encontram nesse intermédio – *de minimamente adentrar no mundo externo e de saída-entrada flexível do mundo interno* - são os sujeitos ideais para a criação de um grupo.

Feito esta introdução sobre os benefícios subjacentes ao fenômeno da significação da experiência narrada retomo aqui minha questão de antes e sigo no seu exame. A indagação que me propus responder era a seguinte: *Como o homem consegue aderir sentido à sua experiência apenas através de si mesmo e por sua vez constituir o próprio psiquismo com base nessa interação?*

Nessa indagação estou discutindo o primeiro desdobramento encontrado do processo de significação das experiências. Processo esse que se dá através da experiência mística, apenas através do conhecimento da realidade e do seu contato íntimo com esta, sem necessariamente haver a necessidade da percepção do reconhecimento do outro ou de sua compreensão. Nesta forma de significação da realidade vivida apenas o contato do homem com sua realidade é suficiente, sendo dispensável a comunicação da experiência vivida enquanto mediadora no processo de significar esta mesma. Nessa via a experiência ganha sentido por si só, sem haver a necessidade do partilhamento para que o seu sentido possa se produzir.

Diferente é da depressão n'onde o sujeito só consegue produzir sentido à sua experiência através do contato com o mundo externo, pois caso o indivíduo fique entregue ao seu próprio mundo interno dificilmente conseguirá produzir ressignificação e simbolização de suas experiências. Nesse exemplo é visível a imprescindibilidade de contato com o outro e com a possibilidade de compreensão que este possa ter de minhas experiências subjetivas. Como também

do quanto é necessário estar sendo compreendido para eu empreender uma nova jornada de reexperimentar minhas vivências através de outras modalidades-tonalidades-afetivas-vivenciais e dessa maneira aos poucos poder transitar pelas às regiões internas e externas de minha realidade com maior facilidade.

No entanto é importante reduzir o nosso objeto de análise, uma vez que a questão da significação da experiência vivida, seja através da percepção do reconhecimento do outro ou através de minha própria experiência de contato com a realidade sem necessariamente haver a necessidade da partilha com o outro. São na verdade, maneiras possíveis pelas quais ocorrem a significação da realidade.

O que quero ressaltar neste ponto é que a tendência dos pacientes depressivos buscarem e solicitarem essa forma de ajuda e este modelo terapêutico ser benéfico nessa enfermidade é excepcional – dado o modo de funcionamento da libido -. O que não quer dizer que o paciente não possa curar-se de sua enfermidade através de um processo de auto-regulação, isto é, que ele não possa ressignificar suas vivências apenas através de si mesmo – mas é importante ressaltar que isto é uma exceção -.

Voltando ao nosso objeto último que é na verdade *às maneiras pelas quais ocorrem às significações das experiências vividas*. Examinemos a sua primeira forma de desdobramento que é *como o homem consegue aderir sentido à sua experiência apenas através de si mesmo e sem necessariamente haver a necessidade da percepção da compreensão do outro de suas experiências narradas?* Como é possível dar sentido às experiências apenas através de si mesmo e sem precisar comunicá-las? O que acontece no espaço *da não partilha e da não comunicação* que tem efeito similar a esses mesmos processos quando acontecem?

Aquilo que se encontra na literatura e até mesmo no senso comum da psicologia é que o homem dá sentido às suas experiências através da relação com o outro. Através de um dado empírico – emprestado da etnologia - demonstramos a possibilidade de promover sentido às experiências sem necessariamente estar se relacionando com outras pessoas. E aqui adentramos na questão: como podemos compreender esse fenômeno a nível psicológico? Podemos especular sobre esse fato? Nós elucidamos à sua existência, mas não desvendamos o do “como” ocorre.

Como que ocorre o fato do homem dar sentido às próprias experiências, mas sem necessariamente estar se relacionando com outras pessoas? Quais os mecanismos que se sucedem para a ocorrência da significação das experiências vividas?

Se começarmos a dizer qual é o sentido que empregamos para significado poderíamos melhor analisar o que nos propomos a desvendar. Dar significação à alguma experiência ou simbolizá-la é o processo pelo qual o homem atribui qualidades afetivas ou representações mentais em dado acontecimento, podendo pelo o processo de relação com essas mesmas qualidades

afetivas e representações mentais atribuídas, gerar novas tonalidades afetivas e nuances representacionais sobre os mesmos acontecimentos dotando-os de uma polissemia semântica através da interação com esses significados já constituídos.

Conforme à análise avança nossa compreensão aumenta sobre os determinantes do processo de significação da experiência e por sua vez nossas definições se tornam cada vez mais precisas e afinadas com a realidade do fenômeno. Podemos perceber que a significação só se faz através de uma *relação*, o sujeito que está prestes a significar uma determinada experiência só o faz através de uma *relação*, aqui no caso ele está se relacionando com a sua própria experiência, nesse processo de interação com a experiência *nesse próprio fazer relação com a experiência* os significados imediatamente vão sendo produzidos.

Portanto o sujeito prescinde de um outro para dar sentido à sua própria experiência, uma vez que ele mesmo pode inferir predicados no acontecimento. Assim a questão do significado nos aparece em sua composição mais elementar e uns dos elementos causa da significação é o fato de haver *relação*. Seja com o que for, no caso de algumas etnias os indivíduos se relacionam com à natureza, esse relacionamento com a natureza permite com que eles possam significar suas experiências, não pelo fato de ser com à natureza em si, mas sim pelo fato de ser com *alguma coisa* seja ela qual for, pois o fato é que *basta existir alguma forma de relação do homem com algo que isto é suficiente para dar sentido às suas próprias experiências*.

Daí um exemplo que poderia vir a calhar são os filósofos da natureza ou os pré-socráticos que atribuíam sentido às suas experiências através da observação da natureza. Esses filósofos geralmente sempre estavam em contato íntimo com a natureza produzindo símbolos e significados sobre suas experiências. Não havia necessidade por partes desses indivíduos de uma interação com outros seres humanos para dar significação às suas experiências, da mesma forma que não há necessidade para alguns povos étnicos.

Assim vemos que para produzir-se significação de uma experiência o requisito inicial é a *interação*. Essa interação não necessariamente precisar ser com outros seres humanos, podendo ela ser com qualquer objeto, seja material ou não. Para isto basta haver a condição existencial de estar em contato com algo, seja de que espécie for.

Aprofundemos nossa investigação e veremos que existe algo que interage. Mas o que necessariamente interage? Do que é composta essa interação? A princípio postulamos que essa interação se dá através de um acontecimento que é sentido como uma experiência e do outro lado temos o sujeito do acontecimento ou da experiência. Portanto o que existe nessa interação é uma experiência e o sujeito que se encontra nela. *Se nos aproximarmos um pouco mais veremos que não é assim que acontece*. Na verdade, o sujeito da experiência é portador de uma consciência, de fato o que se relaciona com os fenômenos é a consciência que se encontra no homem. Mas quê

tipo de consciência estamos aqui nos referindo? Essa consciência tem algumas peculiaridades e ela se mostra enquanto sendo uma consciência involuntária, o que não quer dizer que seja uma inconsciência. Ela é involuntária no sentido de que quando nos deparamos com um determinado fenômeno não precisamos ativá-la voluntariamente para que os significados sobre os fenômenos se processe, no caso do homem primitivo quando se depara com determinadas espécies de árvores monumentais que o faz sentir-se diante do infinito no universo, essa significação da sua experiência de observar determinadas espécies e aderir o significado de finitude diante do infinito não é consciente ou voluntário. Não obstante, existe algo nesse sujeito que *pensa* e o faz atribuir esse significado à sua experiência *involuntariamente*. A partir dessa significação primária pode ocorrer significações secundárias e a partir daí o sujeito pôde criar *novos sentidos a partir desses já estabelecidos*. Contudo precisou estabelecer-se primeiro uma significação para depois ele reformulá-la conscientemente, daí em diante ele poderá especular a existência de seres na natureza maior do que ele e que, portanto, ele é menor do que esses seres, aí ele pôde passar a especular sobre a origem desses seres e sobre sua própria origem. Aqui já existe uma significação voluntária ou uma consciência voluntária guiando o processo de significação reformulando e produzindo novas tonalidades afetivas e modalidades representacionais diversas sobre o mesmo acontecimento gerando uma polissemia semântica.

Então à significação da experiência vivida é um processo que ocorre através da relação do homem com alguma coisa. Essa relação é mediada pela consciência involuntária. A partir das primeiras formas de significação de uma dada experiência, o homem através de um processo ativo de pensamento pôde atribuir novos sentidos à essa mesma experiência ou reformular os já existentes e até mesmo remover alguns e adicionar outros.

Creio que assim respondemos nossa questão de como o homem pôde dar significado às suas experiências apenas através de si mesmo sem necessariamente precisar comunicá-las e ter a percepção da compreensão do outro sobre sua experiência narrada.

Através dessas explicações podemos pensar à depressão. Podemos pensar que talvez essas explicações nos permitam ampliar nossa compreensão dela. Uma característica comum na depressão é a reorientação da libido para o mundo interno. O indivíduo fica aferrado ao seu mundo interno e às suas significações. Podemos concluir disso que sua consciência involuntária promove significado aos seus acontecimentos. No entanto devemos nos perguntar sobre essas modalidades de promoção de significado através dessa consciência involuntária. O homem primitivo produz significações através dessa que faz com que sua existência se torne mais agradável e satisfatória, enquanto que o depressivo produz significações que o faz ter um sentimento de possuir uma existência desagradável. Como explicar essas duas modalidades de produção de significado através da consciência involuntária? A partir dessas significações primárias existem os *desdobramentos significativos* e estes podem se processar através de uma especulação tendo como guia uma

consciência ativa que irá tecer conjecturas sobre os próprios significados já constituídos, reformulando, adicionando e removendo outros significados aos já existentes. No entanto, essas conjecturas sobre os significados já estabelecidos podem ser produzidos através da consciência ativa como guia – como foi dito –, não obstante pôde sofrer influências de outras instâncias do psiquismo de tal forma que essas conjecturas não necessariamente estejam imbuídas essencialmente de uma razão pura. Um protótipo dessa ideia de produzir novas significações sobre às significações já estabelecidas por meio de uma consciência ativa e sem interferência de qualquer outra instância psíquica e estando numa condição de isomorfismo e numa frequência constante e estável, são os filósofos da natureza ou os pré-socráticos. Principalmente ao que concerne aos matemáticos. Existe aí uma razão pura, uma consciência ativa que não é interferida por instâncias psíquicas que façam com que essa linha de raciocínio seja declinada ou não tenha uma correspondência direta com os dados da realidade. A matemática é a expressão máxima da razão que corresponde diretamente à realidade, ciência essa produto da consciência lógica e fiel aos dados empíricos, não havendo distorções e expressando fielmente os fenômenos naturais. *A história de Arquimedes expressa muito bem esse processo da razão sendo interferida por outras instâncias psíquicas.* A história nos revela que certa feita Arquimedes estava na praia agachado desenhando na areia, na verdade estava resolvendo um problema matemático – um diagrama - que o estava intrigando há muito tempo. Um soldado romano disse a ele para levantar-se e ir falar com o Imperador e este se recusou dizendo “Não me perturbe” sem nem mesmo olhar ao rosto de seu homicida o qual se enfureceu e encravou-lhe sua espada levando a óbito o fundador da Hidrostática. Essa história demonstra à razão (Arquimedes) em sua linha de raciocínio estritamente linear e sem incomodar-se com questões que não propriamente concernentes às suas significações. Enquanto que outras formas de instâncias psíquicas (Soldado romano) tentam interferir nesse processo. Esse exemplo situacional expressa o processo da consciência ativa e de qualidades de uma razão pura se desdobrando sobre os significados da sua experiência sem interferência de outras instâncias psíquicas.

Já no caso da depressão o que pôde estar ocorrendo é uma interferência de outras instâncias psíquicas ao processo *corrente* de significação da experiência vivida. Um elemento que se encontra na depressão é uma dificuldade em lidar com a agressividade, vejamos como essa – localizada em alguma instância – pôde interferir na significação das experiências vividas. Essa agressividade muito pouco elaborada retorna para o sujeito de tal forma que produz um mundo interno hostil. Essa agressividade provavelmente irá interferir nos processos de significação das experiências do indivíduo por meio de alguma instância psíquica na qual esteja depositada. Então constantemente distorções da realidade serão produzidas uma vez que este sujeito está influenciado por essa instância dotada de agressividade, pois o sujeito *reagirá aos significados que dá à sua realidade e não propriamente à realidade em si* – realidade esta que seria percebida apenas através

de uma razão pura -. Assim vemos que essa consciência involuntária que pretende ser ativa¹ e produzir novos significados constantemente estará sendo interferida por outras instâncias psíquicas que *não permitem uma forma de significação que seja outras não ligadas à essa instância interruptora* – que quando malcuidadas retornam de alguma forma na fenomenologia do cotidiano -.

É nesse ponto que os depressivos recorrem à ajuda, pois o que solicitam na verdade é uma consciência. Assim o depressivo poderá pensar através da consciência que empresta daquele que o socorre. A Psicoterapia poderia estar agindo nesse espaço sendo à consciência que temporariamente irá substituir ou se sobrepor à consciência do depressivo que está sendo interferida por instâncias psíquicas que influenciam os seus processos de significação da experiência vivida e que não o permite dar outras significações no momento. É um empréstimo feito – temporariamente - da consciência daquele que o socorre enquanto forma de tentar produzir outras significações – por meio da consciência do outro - até que o processo de significação da experiência vivida possa ser feita por meio de sua própria consciência² para que assim se consiga produzir às suas próprias significações e os seus desdobramentos sem que se sinta desconfortável. É importante ressaltar que a questão das significações – se são positivas ou negativas - não está relacionada com o conteúdo, mas sim com o conforto e desconforto das significações produzidas.

¹ Nesse caso essa consciência involuntária que pretende ser ativa estará paralisada no seu processo de significação – de outras formas -, pois todos os seus processos de significação de sua realidade vivida serão experimentados sempre com o mesmo teor e tonalidades e nuances similares, uma vez que o elemento que interfere na sua significação é sempre o mesmo. Uma investigação interessante que poderíamos fazer é verificar se a queixa constante dos depressivos de isolamento, não seria uma forma de expressão comportamental dessa paralisação, já que essa paralisação estaria contribuindo também para a paralisação dessas significações repetidas e que são sentidas enquanto hostis. Teríamos de examinar se essas paralisações do corpo, seria uma forma de paralisação da hostilidade interna que advém das significações motivadas pela agressividade mal-elaborada.

² É como se houvesse uma continuidade entre essas consciências. Então no princípio é através da consciência do outro que poderá ser feitas outras formas de significação, uma vez que a consciência do depressivo está inepta para produzir essas novas formas por conta das interrupções. Após um determinado período de produção de algumas significações – por meio da consciência do outro – a consciência do depressivo começa a ganhar alguns recursos, uma vez que uma segunda consciência permitiu esse processo. Após um determinado período sua consciência adquiriu algumas habilidades e potencialidades antes inexistentes pelo fato de não poder produzi-las, uma vez que só o pôde através de alguma consciência e também pelo fato de que sua consciência naquele momento estava se ocupando da hostilidade do mundo interno e das significações repetidas produzidas pela agressividade. Se ocupando dessas incumbências não havia tempo para produzir os recursos necessários para lidar com essas próprias ocupações. Aí no caso teria de haver uma energia para lidar com essas ocupações e para criar os recursos para lidar com elas mesmas. No caso do depressivo existe uma energia apenas para se ocupar do seu próprio mundo e para sustentá-lo sem decair dele. Uma segunda consciência vem enquanto uma continuidade dessa consciência que se ocupa do mundo hostil. Enquanto uma sustenta o mundo interno a outra vai criando os recursos para sair dele. Esse fenômeno da continuidade da consciência é interessante ser estudado, pois aqui podemos visualizar o próprio processo pelo qual nós somos criados, isto é, através da continuidade das consciências. Às mães *desenvolvem* nos filhos atributos da sua personalidade, o que existe aqui é um contínuo de consciência. Por um determinado período a mãe pensa pela à sua cria uma vez que esta não o pôde - por estar ocupado com o seu próprio desenvolvimento individual -. Após um determinado período essa mesma cria passa a pensar por si mesmo prescindindo aí da consciência de sua mãe, estágio esse revelado pela autonomia de pensamento e de cuidado de si mesmo.

No momento que o sujeito estiver confortável com às suas significações produzidas poderemos perceber que houve um alinhamento entre às instâncias psicológicas.

DESCRIÇÕES DOS ACOLHIMENTOS NO PLANTÃO PSICOLÓGICO DO CENTRO DE PSICOLOGIA APLICADA

Caso n° 3: M.A.M. (40 anos)

Descrição do atendimento

A pessoa veio até o Plantão dizendo estar com dificuldades em lidar com a busca dos filhos pela figura parental. Durante a sessão descreveu o que sente quando está em casa no momento quando os filhos saem da residência para a moradia do pai *“Sinto muito medo. Ele era estúpido e me agredia. Sei que hoje ele mudou e que se fizesse algo para os meus filhos, eles me diriam. Sei também que é bom que eles estejam com o pai, eles se sentem felizes, mas sinto medo. Quando estou em casa não consigo fazer nada, fico só pensando no que possivelmente deve estar acontecendo com os meus meninos”* [SIC].

Nesse instante perguntou-se como era viver ao lado dos filhos, o intento dessa fala era compreender a vivência daquela com estes, logo em seguida disse *“Viver com os meus filhos é tudo. Sempre quis estar com eles. São muito importantes na minha vida”* [SIC].

Em seguida perguntou-se o que os filhos representavam, respondendo *“Eles representam tudo. Desde do dia que me separei do pai deles eles se tornaram a minha vida. Eu fui muito agredida por ele, era estúpido, ao mesmo tempo, sei que tenho culpa nisso que está acontecendo. Eu privei os meus filhos de verem o pai deles, justamente por que eu achava que era o melhor para eles. Achei que eles não deveriam viver ao lado de um homem que batia em sua mãe e também neles. Ambos não lembram das agressões que sofreram do pai, eram pequenos demais”* [SIC].

Perguntou-se a M. se poderíamos dizer que o fato de ter tornado os filhos a totalidade de sua vida, fazia com que quando eles se afastassem sentisse que não poderia deixar de estar com eles em seu pensamento, respondeu afirmativamente essa questão, dizendo *“Sim... Acho que me ocupei com eles a vida inteira e agora nesse momento quando eles vão embora, é como se eu não conseguisse fazer nada. Como se não pudesse fazer nada e ficasse pensando apenas neles”* [SIC].

Perguntou-se se o fato de ter-se ocupado durante sua vida com os filhos e principalmente quando eles estavam ao seu lado, fazia com que permanecesse ocupada com eles – mesmo longe -, mas agora por meio do seu pensamento que a todo instante está neles, justamente no momento quando não estão. E assim respondeu “*Sim, com certeza. Eu fico com essa preocupação, me perguntando sobre as coisas que podem estar acontecendo. Aí fico paralisada, não consigo fazer nada, fico com o pensamento neles*” [SIC] e “*Daí penso tanto... tanto... que quando eles chegam a noite, já estou cansada de tanto ter ficado parada sem fazer nada e ter gastado minha energia pensando neles. Aí ao invés de ficar com eles, vou para quarto ficar sozinha. Até faço um pouco de picuinha, justamente por que pergunto se eles estão bem e eles dizem que sim e não falam mais nada. É como se eu dissesse para eles, já que me deixaram sozinha, fique aí vocês também sozinhos...*” [SIC].

Após essas falas perguntou-se se sentia alguma coisa mais e ela falou “*Sim... existe uma parte de mim que quer que eles estejam só para mim. Que sejam só meus, pois fui eu que criei eles e agora eles estão lá com o pai que batia em mim e neles. Eles têm de estar comigo e ao meu lado*” [SIC] e “*Eu sei que isso é errado, mas sinto isso. Não vou impedi-los de ver o pai, até por que ele está fazendo bem aos meninos. Eles estão felizes. É eu que estou com dificuldades em me adaptar a essa nova situação*” [SIC].

Uma outra fala importante da pessoa foi “*Quando estou com eles, tudo está bem. Consigo trabalhar, fazer as minhas atividades, sair e viver normal. Por outro lado, quando não estão é como se tudo acabasse, como se não pudesse fazer nada mais*” [SIC].

Pensou-se com a pessoa se o fato de ter cuidado dos filhos e se dedicado a eles por tanto tempo, como também de tê-los protegido e os ter afastado de situações hostis, não acabou por produzir um sentimento de que essas mesmas crianças são basicamente a totalidade da própria vida – pelo fato de ter cuidado sozinha dessas crianças e pela dedicação exclusiva e integral à elas - e agora pelo fato delas terem crescido e terem tomado a atitude de buscar o pai ou ir em direção ao mundo - no sentido de produzir as próprias escolhas - prescindindo aos poucos da guarda da mãe, esteja vindo um sentimento que a paralisa como se não pudesse fazer mais nada, justamente pelo fato de que essas mesmas crianças é sentida como “*tudo na minha vida*” [SIC].

Sendo assim, se elas são “*tudo na vida*” [SIC], quando estão *ausentes* a vida acaba, precisamente por que [filhos = vida {ou} (-) filhos = (-) vida] e caso queiramos mais clareza [ausência filhos = ausência vida]. Talvez seja por isso que quando as crianças estão ausentes, ocorre um sentimento de paralisia que impede qualquer forma de atividade, exatamente por que a vida termina quando às crianças não estão, e visto que elas são a totalidade da vida, se elas não estão, vida não há. Não é estranho que quando se retiram para longe da mãe, esta sinta que não é possível fazer nada mais, visto que a vida só se encontra ao lado delas e se do lado delas não está,

a vida já não é possível mais viver, a partir daí não é possível trabalhar, sair e fazer práticas recreativas.

Permaneço taciturno após essa alocução e visualizo a fisionomia de M. alterar-se, silenciosamente – ela - transita do estado de silêncio para o de pranto, os seus olhos dilatam e tornam-se róseos, em seguida e em solavancos me diz “*Faz sentido para mim o que diz*” [SIC]. E “*Provavelmente você está certo*” [SIC].

Nesse momento solicita o término do encontro, pois está na sua hora. Acato o seu pedido e a acompanho até a saída. Vou acompanhando M. em suas lágrimas e fico a observar a admirável fisiologia do choro que deixa às suas marcas recém-adquiridas no rosto de uma mãe que sente a dor e o sofrimento de exercer a penosa maternidade do coração, função essa que Balzac o bem-observou... há muito tempo.

Compreensão psicológica breve

O mundo de M., abriu e fechou, permitiu e restringiu possibilidades, a partir do momento que teve os seus filhos e logo após a separação, esta que era uma possibilidade de um relacionamento pautado pelo o cuidado, tornou-se inviável. Os filhos por sua vez passaram a ser o espaço onde essa relação poderia se concretizar nesses mesmos moldes. Não obstante, a partir do momento que isto ocorreu, dedicou-se plenamente ao ser-com-outro e fez deste o sentido predominante em sua existência, opondo-se propriamente ao seu ser. Ser-com-outro que não permitiu o desenvolvimento de finitude e de solicitude, o primeiro se referindo ao fato de que as coisas não permanecem e se permanecem é apenas no âmbito das notações (notificações) que os eventos produzem na corporeidade e na constitucionalidade; e o segundo elemento é justamente de não ter produzido o sentimento de integralidade, enquanto pessoa individual no centro de uma rede de relações.

As perturbações nos modos-de-ser, são perturbações nas relações do ser, sentidos e significados embaralhados e amalgamados, ser pouco esculpido e com senso de integralidade apenas e só na relação com o outro. Vivemos com outro, mas desenvolvemos a capacidade de refletir, reflexão é um relacionar-se consigo. As cristalizações em determinados modos de relação, apenas e exclusivamente, produz, quando esta não existe mais ou chega em sua finitude, perturbações.

M., cristalizou-se num modo, apenas e exclusivamente de relação, isto é, apenas com-o-outro. Quando os primeiros indícios de término passaram a comparecer – deste modo de relação - , em concomitância as primeiras perturbações passaram a emergir.

Pompéia & Sapienza (2011) apontam para o fato de que o tônus afetivo empregado em determinado existencial produz determinadas modalidades de vivência destes, no nosso caso em específico, o tônus afetivo empregado no existencial básico do ser-com-outro produziu uma modalidade de vivência perturbada.

MEDITAÇÕES A PARTIR DO CASO DE M.A.M.

M. constituiu-se dentro de uma relação conjugal com características de agressividade e abuso, aos poucos foi abandonando esse relacionamento que lhe ocasionou diversas decepções - para um primeiro contato íntimo e matrimonial -. Dessa relação nasceram seus filhos, a partir desse momento passou a cuidar dessas crianças e nas suas palavras “*Desde do dia que me separei, passei a cuidar dos meus filhos e vejo que foi uma forma de esquecer tudo. Passei a me dedicar a eles e isso foi uma forma de me ocupar e não recordar de nada que me aconteceu*” [sic].

Esse ser-com-outro lhe forneceu uma imersão num contato de agressividade com seu ex-marido, mas também lhe promoveu sua retirada para outra possibilidade - uma relação amorosa com os seus filhos -, como também uma forma de solapamento das experiências anteriores e que lhe foram sentidas como “*estupidez e grosseria*” [sic].

Hoje e apenas hoje, e por ser *a posteriori* é possível fazer uma *daseins*análise, como também uma analítica do sentido. É apenas por meio dos acontecimentos recentes que podemos chegar a uma conclusão do que propriamente e por meio do que essa retirada do ser-aí de um modo de relação e para sua conseqüente imersão numa outra modalidade de vínculo teve enquanto engendramento.

Observando e analisando os fenômenos ônticos na estrutura do *dasein*, percebe-se que houve uma retração das possibilidades efetivas de existência. Essa informação corrobora-se a partir do momento que os seus filhos saem de casa e ganham maior autonomia, nesse instante sua paralisia da existência e das viabilidades do existir diante do fato dos filhos não estarem mais ao seu lado, comprova a ideia de que uma retração das possibilidades efetivas de fato ocorreu. Ora, mais que possibilidades são essas? Podemos visualizar essas possibilidades a partir do momento que diz “*Não consigo mais sair de casa, me divertir, estar com outras pessoas, como também trabalhar*” [sic]. Possibilidades efetivas³, justamente por já terem sido e por sua vez uma retração

³ Possibilidade só é aquilo que é possível dentro do escopo de mundo do ser. Não obstante, a possibilidade-em-extensão se encontra no além-mundo que Biswanger muito bem citou (CARDINALLI, 2004). É importante salientar que as possibilidades no além-mundo devem passar por uma série sucessiva de processos de desconstrução das possibilidades do mundo primordial já estabelecido e que essas que se encontram no mundo estabelecido se

dessas mesmas. O mundo de M. é repleto de uma gama de possibilidades concretas, como trabalhar, sair com as amigas, sair de casa e se divertir – hoje, isso já não é possível -. Uma retração das possibilidades efetivas de existir se mostra.

Mas ainda estamos nas estruturas ontológicas fundamentais, o básico e o elementar foi explicitado – nada de novo foi vislumbrado -, assim, pressupõe-se que nossa teoria é mais operante e deve abarcar o empírico de tal forma a compreendê-lo e alcança-lo a nível fenomênico e por sua vez passar para extra-polações fenomenológicas.

Aqui no caso, sairemos do nível das estruturas ontológicas fundamentais e passaremos para às estruturas ônticas fundamentais, para depois retornamos à tematização por meio da analítica do dasein.

Aqui a analítica irá vislumbrar o dasein singular e não universal que se apresentou no encontro. Pretende-se assim captar as movimentações fenomênicas com suas tonalidades e gradações afetivas. Dito esses pormenores, a seguir, iremos aprofundar na vivência do ser, vejamos como se apresenta.

A partir do momento que os filhos passam a ganhar maiores níveis de autonomia, suas vivências históricas passam a se mostra e se revelar, como também os sentidos empregados

concretizam materialmente, isto é, os significados se materializam no ambiente ou na terra, como Heidegger (1988) nos fala (apud SAPIENZA, 2015), como também os sentidos.

A metamorfose para a uniformidade entre as possibilidades-em-extensão - que se encontram no além-mundo - e o existir do ser-aí no mundo primordial é ocasionado pelo vislumbre de que essas viabilidades-outras são vistas como possíveis também, mas que ainda não se materializaram no mundo primordial justamente por estarem no além-mundo e sendo portanto apenas um possível-distante – a tumultuação do dasein se dá pela dissonância temporal, o que quer dizer que a distância – que é vivenciada como uma impossibilidade, claramente pelo seu caráter longínquo - de realização efetiva das possibilidades do além-mundo *no* mundo-primordial se encontram remotas -. Assim, os modos perturbados de ser emergem. Aqui vemos que o dasein é determinado pelo o seu ser-no-mundo e pela sua estrutura de mundo, até que em um determinado momento os vislumbres de viabilidade-outras ocorrem e a indeterminação se abre justamente por que o lançar-se no mundo abre o escopo de possíveis, a compreensão, no sentido daquilo que abarca a realidade se processa e o dasein específico pela primeira vez percebe que o além-mundo pôde tornar-se o seu mundo-próprio e substituir o mundo-primordial que hoje e naquele instante é visto como um mundo impossibilitante e retrativo das possibilidades efetivas de existir. O campo da psicologia clínica exige sutileza no caminhar investigativo, visto que o essencial é apreender a movimentação do dasein específico e principalmente os modos perturbados de ser. Nossas intervenções estão estritamente relacionadas com um caráter pragmático e nossas bases filosóficas-científicas devem ser muito bem arregimentadas, até por que o relacionar-se com o outro ou estar-com-outro é o meio pelo qual se pauta o existencial do cuidado - suposto por Heidegger -, sendo também o caminho que permite todo o trabalho do psicólogo clínico. O que tentarei demonstrar é como nesse encontro foi possível acompanhar a movimentação do dasein específico e fazer extra-polações do ontológico para o ôntico e a partir disso fundamentar a ideia de que no mundo cria-se estruturas ônticas fundamentais que são posicionadas no mais alto grau de consideração pelo o ser – por causa de sua facticidade -, mas que não podem ser consideradas um existencial, justamente pelo o seu caráter de não tematização e por ser específico do ser-aí singular. O ganho clínico dessas observações propiciou demonstrar à pessoa o quanto determinadas vivências - e os significados atribuídos em cada uma delas – permitiu o enlaçamento dessas pelo o fio existencial de sentido – estruturante - que organiza a história (CRITELLI, 2013), assim, aquilo que se mostra e se oculta foi explicitado e as estruturas ônticas fundamentais que ganharam o mais alto valor ao decorrer da biografia se revelaram.

nessas experiências. O fato dos filhos não estarem mais ao seu lado, evidenciou para si mesma o quanto sua existência estava fundamentada na relação com eles, mas ao mesmo tempo que se mostra essa facticidade, no mesmo instante se oculta e nesse ocultamento se esconde o sentido, isto é, o *fio existencial de sentido e estruturante* que organiza a história com suas vivências.

O fato é que quando os filhos estão distantes, ocorre uma paralisia da vida. Não é possível vivê-la, só sendo possível quando *“Aí estando perto de mim, fico bem. Quando estão longe, fico tão mal, tão cansada de tudo. Não quero fazer nada, apenas ficar parada. Existe um sentimento tão ruim em mim. O que vou fazer? Nós sempre fizemos tudo juntos”* [SIC].

Pergunta-se a M. por que sente o que sente, a ponto de paralisar sua vida e ela responde *“São tudo para mim”* [SIC]. E o que sente quando esse *“tudo”* [SIC] se vai, e responde *“Sinto que não dá para fazer nada. Eles têm de estar ao meu lado e comigo. Sei que é errado pensar assim e o que sinto não tem fundamentação na realidade, mas sinto isso”* [SIC].

Poderíamos dizer que o modo de ser-com-outro de M. fez com que, justamente esse modo de ser tornar-se algo *fundamental* em sua vida sem o qual não é possível prosseguir. Comunico isto a M. dizendo que o seu modo de relação com os filhos e esse vínculo constituído tornou-se algo fundamental ou *“tudo”* [SIC] e que a faz sentir que não é possível fazer o que se faz cotidianamente, mas sem essas relações por alguns dias e ela diz *“Verdade. Durante muito tempo me dediquei a cuidar deles. Deixei de fazer muitas coisas”* [SIC].

Nesse instante fala-se para M. se poderíamos dizer que o fato de ter deixado de fazer muitas coisas, mostra que de alguma maneira deixou também de fazer coisas que queria e que portanto essas coisas estavam relacionadas a um deixar de lado a si, para dedicar-se exclusivamente aos filhos, até mesmo ao ponto de torná-los algo fundamental em sua vida, e responde *“Sim, se parar e pensar que fiquei anos com eles, sem nem mesmo prestar atenção a mim, é provável que esteja certo. E eu sempre usei minha relação com eles como uma forma de não lembrar de nada, mas agora esses pensamentos estão me voltando. Estou lembrando de coisas muito dolorosas que o pai fez comigo. Não quero pensar nessas coisas e nem lembrar, quando eles estão comigo não penso nessas coisas e quando se vão, começo a pensar no tanto que sofri, nas estupidezes que fez. No momento que os tive foi tão bom, só me dediquei a eles e os afastei do pai, por que achei necessário. Mas sim, eu os quis para mim. É assim que me sinto, como se o que é meu não estivesse comigo. Por isso estou com dificuldades em me adaptar a essa situação. Eles mudaram minha vida, sabe?”* [SIC].

Aqui poderíamos elencar o *sentido da sua existência* dentro do seu mundo ou *uma estrutura ôntica fundamental* e que quando decaída, o *dasein*, este não sustenta outras possibilidades efetivas, justamente por que a *condição* essas possibilidades tem como lastro um sentido e em torno desse sentido outros aglomeram-se, então, enquanto houver os filhos ao lado

de M. é possível trabalhar, sair com as amigas, divertir-se e sair de casa, mas quando os filhos não estão, não é possível nada disso. Ora, podemos perceber que existe um sentido que lastra outros sentidos de tal forma, que sem esse sentido-base não é possível as possibilidades existenciais efetivas, essas só são possíveis com uma possibilidade que estrutura o modo de ser do dasein e o permite prosseguir no seu vivenciar.

Sinteticamente poderíamos dizer que, o *fió existencial de sentido estruturante* que enlaça os acontecimentos e organiza os fatos da existência de M., e que por sua vez, permite a ordenação das vivências perturbadas, é o “*Meus filhos são tudo para mim*” [SIC] e o “*Depois que eles nasceram, tudo aquilo desapareceu, foi possível viver. Agora quando se vão, fico em casa sozinha me lembrando das coisas que o pai cometeu contra mim*” [SIC]. O fato de que a relação com os filhos permitiu o esquecimento das vivências perturbadoras e possibilitou um “*foi possível viver*”⁴ [SIC], demonstra que esse acontecimento estrutura o mundo desse dasein em específico, mundo esse descrito como sendo o fato de poder trabalhar, ter contato com outras pessoas e produzir atividades recreativas.

Assim o ser-com-outros com os filhos é uma *estrutura ôntica fundamental* que da base ao mundo-vivido de M. e permite o *possível viver* e, por conseguinte os sentidos e os significados atribuídos a esse possível. Clinicamente, percebeu-se que esse modo de ser é vivenciado por esse dasein como um modo restritivo e impossibilitante, pois esse existencial restringe as realizações cotidianas e paralisa a existência, revelando e mostrando ao dasein que esse sentido se alterado permitira a realização das atividades cotidianas e possivelmente um viver menos restritivo “*Parece que assim não dá, preciso me adaptar. Que nem você disse, deixei de fazer muitas coisas. Além disso quis esquecer muitas coisas, parece que isso que você viu de eu não entrar em contato com essas lembranças que são dolorosas, foi algo que aconteceu. Por muito tempo quis esquecer tudo, mas agora essas coisas estão voltando e se toda vez que os meus filhos se vão, eu fico assim, aí não é possível viver. Quero ajuda para me adaptar*” [SIC].

Nesse momento optou-se por intervir propondo a ideia de que o fato dos filhos estarem crescendo é algo natural e de fato os filhos crescem e aderem maiores níveis de autonomia e também produzem escolhas, mas que isso não quer dizer que deixará de ser filhos de M., e que

⁴ Esse ponto é crucial nessa análise e não se pôde deixar de fazer um comentário. O fato de M. dizer que “*foi possível viver*” [SIC] mostra que sua existência se baseia *num possível* e que este é *viver*, o que quer dizer que antes de um acontecimento específico – a entrada dos filhos no mundo -, a possibilidade de vida era apenas vislumbrada como um possível-distante, depois passou a ser uma possibilidade efetiva, pois esse possível-distante e que estava no além-mundo acabou por migrar para o mundo-originário e assim substituiu este por aquele. E nessa vida se encontra o quê? Se encontra inúmeras possibilidades, como, trabalhar, sair com as amigas e se divertir. No entanto, *o possível viver* é uma consequência de um acontecimento. E esse acontecimento permite o possível viver e consequentemente todos os sentidos e significados atrelados ao que é viver para esse dasein, como esses que foram descritos: trabalhar, ter amigos e se divertir.

eles estão com ela *também*. Mas, o fato de se direcionarem para o mundo é algo simbólico que tem sentidos e significados para M. e ao mesmo tempo acaba por remetê-la a própria história, mas história essa que tentou-se esquecer por uma década. Talvez fosse o momento de viver essas experiências e essas lembranças, até por que já está acontecendo e ao que tudo indica não deixará de acontecer, sentir e viver a própria história e se recobrar seria uma maneira de aceitá-la e também de torna-la menos sofrível, como também mais familiarizável, até por que essa mesma história a constituiu enquanto pessoa e a fez estar nesse exato momento sentindo os efeitos dessas vivências percebidas como perturbadoras.

Nesse momento M., diz “É...” [SIC] suspira, “Viver... viver isso” [SIC] e “Realmente quis esquecer... Terei de lembrar agora” [SIC]. Fico em silêncio... “Obrigado... Acho que preciso ir, minha amiga está me esperando” [SIC]. Assim enxuga suas lágrimas e retira-se. Acompanho-a até saída.

É importante vermos como as experiências foram sobrepostas, uma sobre às outras, de tal não forma que não foi possível vivê-las na temporalidade de seus próprios acontecimentos. Além disso, vemos, como a consciência com sua intencionalidade se desdobra sobre o mundo de maneira a fazer com que aquilo que sustenta o *dasein*, ou os seus sentidos, se mantenham enquanto mantenedores do mundo-vivido e do modo de ser neste mesmo mundo. Assim, quando os filhos estão longe, vive constantemente pensando neles e no que possivelmente está acontecendo com estes, portanto, a consciência se intenciona para os seus sentidos. Aqui, o *dasein* sustenta-se, mas a partir do sentido do seu mundo, produzindo aí novas expressões que manifesta os sentidos que se revela – no fato de paralisar-se diante do acontecimento – e no seu ocultamento – no momento que os filhos voltam e tudo fica bem -. Mas o ocultamento do sentido – e em que fenômeno se oculta e como o faz - só foi possível ser vislumbrado a partir da sua revelação, por que caso contrário já teria se descoberto durante o último decênio de M., porém não foi possível, visto que o ocultamento só se mostra após a revelação.

Questões sobre o por que a consciência se intenciona para os seus próprios sentidos de forma a manter o mundo-vivido e por sua vez, o por que não cria outros sentidos que desconstrua os estabelecidos e permita o ensejamento de novos, como também o do por que as vivências nesses *daseins* são sobrepostas por outras que fazem com que as primeiras não sejam experienciadas no seu tempo de acontecimento, são questões suscitadas por esse estudo e que devem ser investigadas com cautela e com base na realidade da clínica dos modos perturbados de ser.

Caso nº 4: J. M. (51 anos)

Descrição do atendimento

J.M. veio até o plantão por estar sofrendo com algumas coisas e diz *“Eu me separei recentemente, mas ele continua me ligando. Eu não consigo ficar sozinha, mesmo com ele me agredindo... então ele me bate e depois me liga. Ficamos nesse vai e volta durante muito tempo”* [SIC]. Logo em seguida diz *“Agora eu não quero mais isso. É muito sofrimento”* [SIC]. Continuo em silêncio e ela diz *“Eu queria poder mudar esses comportamentos, me sinto muito sozinha. Eu estou velha e vou ficar sozinha. Ele me dizia que eu era feia e velha, me humilhava e isso era horrível. Sempre dizia que jamais alguém iria ficar comigo”* [SIC].

Digo a ela que o sentimento de estar sozinha, talvez a tenha colocado em situações de risco e ela diz *“Sim, tem razão. O meu primeiro marido apareceu e eu simplesmente me casei e tive filhos. Aí eu me divorciei e era a mesma coisa com ele, batia nas próprias filhas e era grosso comigo. O meu pai então, às vezes penso que isso tem a vê com o tipo de pai que tive. Ele foi um homem muito agressivo, bebia e nos batia”* [SIC]. Digo que me parece que ela se encontra em situações de risco, só que nem por isso deixa de estar nelas e ela fala *“Sim, pois é”* [SIC]. Nesse momento ficamos em silêncio e ela diz *“Eu estou sofrendo e as vezes fico pensando se irei ficar sozinha para o resto da minha vida. Eu só queria amar alguma pessoa, poder dividir as coisas sabe? Sabe aquela coisa de chegar em casa e dizer que está cansada e que seria bom fazer umas pizzas?”* [SIC]. Nesse momento digo que o que ela busca parece ser um compartilhamento de uma rotina, de um cotidiano e por sua vez de uma vida. E ela fala *“Exato, sempre busquei isso. Eu queria ter feito faculdade, estava cursando letras até que cheguei um dia para o meu pai e disse que ele precisava me ajudar com a condução do transporte e ele me falou que mulher só servia para ficar de ponto no fogão. Aí eu não me formei, ele não me ajudou”* [SIC].

Lhe pergunto se ela imagina alguma coisa que poderia fazê-la nessa situação e ela diz *“Gostaria de voltar a trabalhar, queria estudar, mas sei lá. Eu havia começado a fazer essas coisas, mas o tempo foi se passando e não teve como”* [SIC]. Nesse instante pergunto por que fala como se não houve mais vida ou como se a vida tivesse acabado e ela diz *“É... Eu falo assim mesmo, não sei. Acho que é por que não sou mais jovem e tenho a impressão de que deixei de olhar para mim e agora estou no fim”* [SIC]. Lhe pergunto o que significa esse fim e ela diz

“Digo fim por que já estou aposentada, tenho 51 anos, sou sozinha, minhas filhas foram embora de casa. É complicado, esse sentimento de solidão é tão triste” [SIC].

Questiono como é esse sentimento de solidão e ela diz *“É um sentimento que me deixa mal. Não consigo estudar, não consigo fazer nada e constantemente quero estar com alguém, mas sempre encontro pessoas violentas. Eu fico usando aqueles sites de relacionamento e sempre quando vou aos encontros, os homens dizem que não querem sair comigo. Eles olham para mim e já não querem mais, o que devo pensar? Que todo homem é mau-caráter ou que sou feia? E geralmente quando querem alguma coisa é sempre um querer coisas íntimas. É difícil assim, sabe... E eu tenho uma coisa que só fico com homens iletrados, a maioria deles são analfabetos e sempre quando converso sobre temas intelectuais eles começam a me agredir verbalmente... por outro lado não consigo me relacionar com pessoas que tenha um status social mais elevado ou equivalente ao meu, justamente por que me sinto inferior, acho que essa pessoa não vai gostar de mim... aí deixo de ir ao encontro... acho que me desvalorizo muito... Por que essa pessoa ficaria comigo? O que tenho a oferecer?” [SIC].*

Faço uma intervenção com a finalidade de organizar o discurso e as situações narradas e digo que essa auto-desvalorização a faz buscar homens que estejam numa condição social menor do que a dela, talvez por que seja a única possibilidade viável dentro daquilo que constituiu como sendo o seu parâmetro de possibilidades em seu mundo. Nesse caso, não podendo se relacionar com pessoas em uma condição social mais elevada do que a sua e nem equivalente – justamente por que essa possibilidade é impensável para uma pessoa que vive o sentimento de não ter nada a oferecer - lhe resta apenas aquelas pessoas que considera de menor nível social e que portanto percebe como única possibilidade viável.

Além disso, essa possibilidade aceita como tal é vista como necessariamente a única viabilidade, portanto, não havendo outras, assim logicamente submete-se a aceitar o que essa destinação oferece – seja o que dela provier -, justamente por que sente que não há outra possibilidade além dessa, assim a situação se torna aceitável, visto que não há outros possíveis. Também ressalto o fato de que a busca por esses homens, não é apenas de homens que estejam numa condição social inferior, mas que sejam também violentos e que essa possibilidade que instituiu como única em seu mundo é de relações com homens socialmente inferiores a si e com atributos de violência e de maltratação. Nesse ponto lhe interrogo se faz algum sentido a minha fala e ela diz *“Sim... Entendo o que você quer dizer. Realmente, essa auto-desvalorização que tenho me faz buscar homens inferiores socialmente, mas existe também uma baixa auto-estima que me faz sentir como nunca sendo possível ter relacionamento com pessoas iguais a mim. Sempre busco homens analfabetos e geralmente são violentos esses homens. Mas nesse momento não quero mais essas relações, por outro lado fico com receio de ficar sozinha” [SIC].*

Nesse momento digo a J.M. que a sua vida foi constituída por sucessivas possibilidades que não se concretizaram, primeiro o trancamento da faculdade, depois o casamento não atrelado ao amor e por fim o fato de não ter encontrado alguém que compartilhasse dos mesmos objetivos que os seus em relação à existência. Mas por outro lado, lhe falo também que durante toda essa caminhada alguém esteve ao seu lado, mas só que não percebeu e que esse alguém ela era mesma e que quando encontrar-se em situações que sintam-se sozinha é importante perceber que está consigo e que tendo a si não está só, talvez seja uma oportunidade para vivenciar essa solidão e por sua vez os sentidos que se desdobram daí.

Nesse momento me diz *“Talvez ficar só um pouco me ajudaria. Não buscar me movimentar para essas relações e esperar as coisas acalmarem. Talvez voltar para a faculdade ou me formar em alguma coisa que me permita trabalhar na minha velhice, quem sabe. A solidão é algo muito ruim e intolerável para mim”* [SIC].

Lhe sugiro a ideia de que o fato de não viver essa solidão e nem mesmo olhar para essa, a fez estar a onde está, que é num lugar de uma pessoa que está sofrendo por fazer escolhas que são consideradas enquanto não sendo as mais adequadas em relação aos próprios anseios. Digo também que se vivenciar esse possível da solidão que me parece ser visto por ela como sendo impossível, haja grande probabilidade de se abrir novas possibilidades e até mesmo de quebrar um círculo de eterno retorno ao mais do mesmo, ou seja, não vivenciar a solidão e ir em direção a qualquer companhia seja qual for esta, no fim das contas lhe remete a mesma solidão inicial, visto que nessas escolhas que faz ou nesses homens que busca, não encontra aquilo pelo qual hoje sofre, que é o estar-com-outro numa relação de cuidado.

Nesse ponto ela diz *“Viver mais comigo mesmo? Realmente não faço isso. Quando fico sozinha não consigo... Esperarei acalmar um pouco as coisas... Seu nome é Alan, não é? Foi bom conversar com você... Bom... Tenho que ir”* [SIC]. O encontro encerra-se e a acompanho-a até a saída.

Compreensão psicológica breve

J.M., se constituiu numa existência onde suas possibilidades almeçadas não se efetivaram. Houve a possibilidade de graduar-se, mas não finalizou o curso. Tentou efetivar uma relação de companheirismo, mas suas expectativas não se realizaram. Seu casamento foi constituído por meio da violência física e verbal. A partir do casamento se abriu a possibilidade de constituir uma família e havia a expectativa de que pudesse ter uma relação de amizade com suas filhas, mas o mesmo não se sucedeu. Suas filhas adentraram em novos relacionamentos e constituíram suas próprias famílias, deixando de ter correspondência com a progenitora. Quis obter um

emprego onde pudesse realizar-se profissionalmente, mas acabou não conseguindo, visto que melhores oportunidades estavam atreladas ao diploma universitário, o qual não obteve.

Suas possibilidades almejadas não se efetivaram. O ser-aí, por sua vez, adentrou no decaimento de vislumbrar novas possibilidades que pudessem ser realizadoras desse próprio ser.

Uma chance se vislumbrou a partir do divórcio, que propiciou um horizonte que refletiu as possibilidades antes almejadas, mas que agora uma vez mais lhe apareciam como apreensíveis. Buscou novas relações e se deparou com o fato de que os homens que buscava para relacionar-se, majoritariamente eram homens analfabetos e violentos. Homens que a agrediam, mas que nem por isso tal fato era motivação para não estar com estes. Não obstante, esse sentido alterou-se e novas possibilidades tornaram-se emergentes, como o acontecimento de abandonar essas formas de relações em beneplácito de sua saúde física e psicológica – motivo de busca do Plantão -.

Por sua vez, outro acontecimento a partir do abandonar essas relações comparece como inusitado e como descoberta do ser-aí. Estar sozinha, torna-se um fardo e nas suas palavras *“Sinto uma angústia absurda... Não consigo ficar sozinha, é muito difícil e quero sempre estar com outra pessoa”* [SIC].

Nesse momento o Plantão permite esse estar-com-outro, mas principalmente o estar-consigo e a vivência de estar por si mesma no mundo de imprevisibilidades, até por que segundo Pompéia & Sapienza (2011) a existência é o vir-a-ser, aquilo que ainda não é, mas que pode ser.

MEDITAÇÕES A PARTIR DO CASO DE J.M.

J.M. em seu mundo-vivido apresentou uma singularidade da experiência em seus possíveis. De tal forma que pudemos vislumbrar um modo particular da atividade fenomênica que se explicitou em seu esboço de mundo. Essa peculiaridade na vivência se mostrou por meio das relações entre os possíveis existentes materializados e não-materializados, em outras palavras, as possibilidades materialmente efetivadas no mundo-primordial e aquelas no além-mundo.

As possibilidades são visualizadas dentro de um esboço de mundo, mas como essas possibilidades podem ser identificadas como tal? A princípio é mister falarmos sobre o fato de que essas não são imateriais, mas ao contrário, são materializáveis e é justamente por serem assim que acabam por fazer com que o sujeito esteja imbricado em seu mundo.

A questão clínica que nos é relevante é compreender o momento no qual ocorre de o dasein deixar de estar imbricado com o seu mundo-primordial e passar a vislumbrar outras possibilidades no além-mundo.

O ser se encontra no aí de tal forma que *está lançado* no mundo de entes e de seres. Suas possibilidades são essas nas quais se encontra e com estas dará origem aos seus modos de ser. Além disso, a estrutura ontológica fundamental da *temporalidade* comparece, portanto, o ser é um constante lançar-se e relançar-se em suas possibilidades *emergentes, do que foi e do que será*, seja aquelas provenientes da sua *espacialidade* e que já se encontram antes de chegar – por estar lançado ao mundo -, seja por aquelas que constitui a partir dessas, como também por outras que são um amálgama das primeiras e das segundas, e que estão relacionadas ao além-mundo, em suma, ao futuro.

Assim, o dasein está num constante lançar e efetivar os possíveis. Mas em algum momento ocorre do dasein vislumbrar outros possíveis, mas que não se encontram no seu mundo atual ou primordial, justamente por que as efetivações que se produziram e que antes eram possibilidades, hoje estão materializadas, não podendo ser desconstruídas com facilidade, talvez seja por isso que a mudança não seja algo tão simples. O dasein ou o ser-humano, é estritamente calcado na materialidade do seu mundo.

Então quando a pessoa nos diz “*Eu ia me formar, mas meu pai não me ajudou. Logo em seguida casei e tive filhos, o meu casamento foi horrível e ele me humilhava. Agora estou tentando sair disso, mas não consigo ficar só, pois encontro outros homens e geralmente são violentos*” [SIC]. Essa fala nos revela um modo de ser e as materializações dos possíveis dentro de um mundo-vivido e quando diz “*mas não consigo ficar só*” [SIC], isso, é a explicitação de um sentido que se materializa no terceiro existencial proposto por Heidegger (1988 apud SAPIENZA, 2015), da *corporeidade*. Através do existencial da corporeidade os significados expressam sua materialidade e se viabilizam a partir do existencial ser-com-outro.

E como poderíamos compreender esse dasein singular em sua vivência, como se revela e se mostra? As possibilidades nas quais estava lançada não permitira a produção de novas possibilidades efetivas de existência, daquelas que Cardinalli (2004) nos fala, nas quais poderia lançar-se e realizar-se.

A tumultuação na temporalidade do dasein produz uma perturbação nos modos de ser. A revivência constante dos possíveis não efetivados “*Não terminei minha faculdade*” [SIC], dos possíveis efetivados, mas pouco realizadores “*Me casei, sempre quis constituir uma família, mas não foi como eu queria*” [SIC] e dos possíveis efetivados, mas não realizadores “*Tive uma família, mas meu marido sempre me humilhou, minhas filhas todas se formaram na faculdade, eu as ajudei – fiquei 8 anos cuidando delas, pagando faculdade -, hoje já são todas casadas. Isso as vezes me deixa mal, elas passam um mês sem me fazer uma ligação, só falam comigo quando eu as procuro. Isso também é uma das coisas que me faz ficar assim... sozinha*” [SIC].

Vemos que essas possibilidades eram visualizadas como se encontrando no além-mundo, mas que a princípio estavam bem próximas do mundo-primordial. Em si o que se encontrava próximo não era necessariamente essas possibilidades do além-mundo como percebidas, mas sim a aparência dessas viabilidades, visto que um possível para o ser é necessário a materialidade. Assim, a ideia de formar-se numa faculdade estava lhe próximo, mas sua concretização não. Casar-se e constituir uma família estava próximo, o que não estava era uma família nos moldes do existencial do cuidado e por fim o estar-com-outro era algo possível, o que não era, é o estar-com-outro por meio da ternura.

Quando vem ao encontro o que re-clama? Re-clama o que não se realizou e também o fato de não conseguir realizar. O primeiro por que não se concluiu nas temporalidades devidas “*Não terminei minha faculdade... [...] eu devia ter pensando mais em mim quando fui ajudar minhas filhas. Deixei de investir nelas para investir em mim... [...] também deixei de investir em mim, agora estou assim, não estou bonita, quem vai me querer? Eu devia ter feito academia, ter estudado mais e ter buscado novas pessoas*” [SIC]. E o segundo por que se depara com o existencial da finitude e percebe-se em seus limites “*Mas não consigo deixar de estar com alguém. Não consigo sentir-me sozinha, fico usando aqueles sites de relacionamento e que é o lugar onde encontro esses homens*” [SIC], isto é, se depara com o fato de “*não consigo ficar sozinha*” [SIC], depara-se com sua finitude.

Aprisionada entre *o que foi* e *o que poderia ter sido*, em outras palavras, aprisionada no mundo-primordial – daquelas possibilidades realizadas, mas não satisfatórias e portanto materializadas [faculdade não concluída, filhas que a deixou, casamento abusivo-agressivo-humilhante, falência financeira da empresa conjugal e relacionamentos agressivos-detratores] – e no além-mundo, só que neste o que comparece novamente como possibilidade são exatamente as mesmas possibilidades do mundo-primordial, mas agora com novas características, não é apenas a constituição de uma família, de um relacionamento e o iniciar uma faculdade, mas sim “*Quero agora ficar só um pouco, mudar esse comportamento, talvez eu faça uma faculdade de advocacia e inicie o meu próprio negócio. Quero buscar uma relação onde possa dividir as coisas e também amar, não se sentir tão só*” [SIC].

As possibilidades do mundo-primordial realizadas e materializadas, mas não satisfatórias, retornam para a experiência do presente e com os atributos da experiência-vivida, quer-se fazer uma faculdade, mas não apenas iniciá-la e quer-se um relacionamento, mas não qualquer um. No além-mundo se encontram possibilidades aparentemente iguais, são as mesmas, mas com adições das experiências anteriores, portanto, pode-se dizer diferentes, talvez o caráter principal delas sejam que são as mesmas possibilidades de antes e que foram realizadas e que foram sentidas como insatisfatórias. Não basta iniciar a faculdade, ou casar-se ou ter família “*Teria de terminar*

a faculdade e eu saí na metade do curso. Não basta qualquer homem e não sei se existe homens legais. Filhas? Já foram todos embora” [SIC].

Mas o existencial da finitude aparece e consigo as limitações “*Mas não consigo deixar de relacionar-me com esses homens*” [SIC], assim fica aprisionada entre as possibilidades nas quais fora lançada no mundo-primordial e naquelas que constituiu a partir das já estabelecidas, como iniciar uma faculdade e não terminar, casar mas não selecionar o tipo de relacionamento que almejava, ter filhos e não conseguir lidar com a possibilidade do indeterminado e da ida desses, como também da expectativa de que lhe retribuíssem o que fez por eles “*Fiz tudo por eles e hoje estou só*” [SIC]. Nesse momento vivência o passado do ponto no qual não esqueceu, isto é, no ponto das suas não realizações e de lá se lança ou se relança, mas “*Estou velha para voltar a faculdade... devia ter feito antes, ter terminado e ter dado um jeito... [...] eu devia ter investido em mim, deixei de fazer e fiquei ajudando os meus filhos e olha agora onde estou... sozinha... [...] eu devo parar de usar esses sites de relacionamentos, estou parando. Esse meu último namorado, continua me ligando, mas tenho dificuldades de estar só e não sei como lidar com isso direito*” [SIC]. E quando vai para o além-mundo sente que essas mesmas possibilidades já deram o tempo útil de se realizarem “*Eu devia ter feito lá atrás, sabe? Ter terminado o curso, ter pensando um pouco mais... quem sabe... Agora estou aposentada e com a idade que estou. Os meus namorados dizem que pessoas da nossa idade já não querem mais nada muito sério*” [SIC] e assim retorna ao passado nas possibilidades realizadas e materializadas, mas não satisfatórias, para daí se relançar para o além-mundo e visualizar essas mesmas possibilidades com os atributos adquiridos das experiências, para aí retornar ao seu presente e dizer “*Até quando vou continuar com esse sentimento e buscando essas mesmas relações? As vezes penso sabe? Entende?*” [SIC] aqui expressa a materialidade dos sentidos que deu a sua existência, sua corporeidade e a vivência da mesma é a expressão dos seus sentidos angariados ao longo do seu existir.

Assim vemos como dito no início o aprisionamento. Aprisionada entre as possibilidades que foram e as suas consequentes materializações e o que poderia ter sido dessas mesmas possibilidades, mas que não foram. A materialização dos primeiros significados em sua corporeidade se expressa no dizer “*Não consigo ficar sozinha*” [SIC]. Obviamente, a possibilidade que se abre na fenda do ser-aí de estar consigo, jamais fora vislumbrada enquanto tal, mas esta foi citada enquanto sendo, no encontro tentou-se mostrar essa possibilidade e que estar só é uma possibilidade de estar consigo e portanto um meio de se obter aquilo que buscou durante a própria vida, isto é, a si mesmo, visto que sua existência foi um constante buscar realizações para si - uma faculdade e um casamento com ternura e filhos - assim existe uma busca por sigo, todas essas escolhas são escolhas que estavam relacionadas com o encontrar aquilo que mais lhe dizia respeito, infelizmente, não o conseguiu, mas a tentativa foi feita. A não

realização dessas possibilidades de modo satisfatório, não quer dizer que esse possível deixou de existir, ele existe, menos acessível é certo – por conta das materializações no mundo-primordial -, mas não tão inacessível, é claro – por conta da indeterminação e o devir-a-ser -.

Abrir-se para esse possível e para os significados que o permite como tal, é permitir suas materializações que se expressariam em relações não agressivas – já que estaria só - e escolha de pessoas polidas – já que se permitira abrir-se para ideia de buscar outros modos de ser-com-outro -.

O aprisionamento entre o que *já foi* e o relançar-se para o futuro, nos aparece de modo diferente nesse momento. O que acontece, talvez, seja o fato de que esse relançar-se não é para o futuro, mas sim para o futuro do passado, é o relançar-se para aquilo que poderia ter sido, mas é um lançar-se para um futuro ou um além-mundo de uma circunstância da sua vida que se encontra na temporalidade do passado, portanto, o aprisionamento se encontra entre o que *já foi* e aquilo que *poderia ter sido*, assim, a questão do além-mundo – do presente - é que ele não existe. A todo instante volta naquilo que já foi – em seu passado – e se relança no futuro desse passado pensando no que poderia ter sido e por sua vez se percebe em um presente que lhe parece limitante, justamente por que esse futuro do passado não é alcançável “*Como vou fazer faculdade agora, com essa idade?*” [SIC] e realmente jamais o será. O além-mundo necessário a ser visto – à guisa de busca de qualidade de vida - não é o além-mundo do seu passado, mas sim o além-mundo do ser-aí presente. É o além-mundo do dasein constituído enquanto tal, do dasein que fora lançado nas possibilidades e dele se constituiu enquanto sendo.

A questão que se coloca para esse dasein é: *o que fazer com aquilo que fizeram dele?*. A pergunta que esse dasein faz é: o que fazer com aquilo que *não* fizeram de mim? Mas afinal, o que importa aquilo que *não* fizeram? Evidentemente aquilo que *não* fizeram nos determina também, não obstante, não há como saber se teria dado certo ou errado, em suma, essa questão não se levanta – a não ser por vias filosofantes, mas em termos pragmáticos a indagação é módica -, por que não há retorno para Cronos, por meio deste nos constituímos e por meio desse continuaremos. Já o Kairós que nos permite o retorno, só o faz para o impulso e o repensar em direção ao mundo ou para a retração das possibilidades efetivas de existir... não há saída. Aquilo que fizeram é efetivamente o que se materializa. As possibilidades nas quais o dasein está lançado e o que delas o dasein fez e o que elas fizeram do dasein, são as expressões do ser-no-mundo e do seu esboço de mundo.

A tumultuação no dasein e as perturbações no modo de ser produz uma dissonância temporal. Assim, a temporalidade no ser-aí se encontra numa cadeia de ordenações que não permite o lançar-se e o relançar-se do ponto que chegou ou parou, mas o faz caminhar na circularidade das vivências perturbadoras. Por fim, a questão que fica é: como lançar-se ou relançar-se para o além-mundo do ponto que chegou ou parou/retornou?

CONCLUSÃO

Intentou-se mostrar que a dificuldade de transformação dos sentidos se dá por causa da sua materialização na realidade terrena, que esta é constituidora do mundo-primordial e dificulta a transição do dasein para os sentidos-outros alvejados a partir do mundo-primordial, mas que se encontram no além-mundo. Demonstrou-se a noção de *possível-distante*, a de *fio existencial de sentido estruturante*, *possibilidade-em-extensão*, *tumultuação do dasein*, *dissonância temporal*, *viabilidades-outras*, *enclausuramento*, além de ter intentado mostrar a existência de *estruturas ônticas fundamentais* no mundo-primordial.



REFERÊNCIAS

CARDINALLI, Ida Elizabeth. **Daseinsanalyse e esquizofrenia um estudo na obra de Medard Boss**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2004.

CRITELLI, Dulce Mara. **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2013.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica**. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.

ROSEMBERG, Rachel Lea et al. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. In: Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. 1987.

SAPIENZA, Bilê Tatit. **Encontro com a Daseinsanalyse: a obra Ser e tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica**. São Paulo: Escuta, 2015.